

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 602	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	15 DE SETEMBRO DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

ANNIVERSARIO DO NASCIMENTO DE BOCAGE



*Mel. M. de Barbosa de Bocage*





## CHRONICA OCCIDENTAL

Foi-se agosto com as suas festas, trouxe-nos setembro o inverno, um inverno rigoroso, tempestades medonhas, inundações, raios, chuvas nunca vistas, trovões inauditos, ciclones.

Durante horas e horas o céu esteve illuminado pelo raio, o trovão não deixou de ribombar.

Milhares de pessoas rezaram a *magnificat* e invocaram Santa Barbara... porque havia trovões.

Os jornaes encheram columnas e columnas com as discipções dos desastres produzidos pelas chuvas n'essas ruas de Lisboa que pareciam ribeiras, pelo raio que tantas vidas roubou.

Começou cedo o inverno. A lua, toda a semana, mal se atreveu a espreitar para a terra entre os rasgões das nuvens, o Tejo esteve encapelado, o vento cantou lamentações, os fios do telephone vibraram plangentemente sobre os telhados e o camarãoiro baloiçou continuamente o seu triangulo preto sobre o mastro do arsenal.

Um inverno fingido em todo o caso, correio avançado do verdadeiro inverno, que ainda vem longe, mas que já transtornou muita festa, muito pic-nic, muita toirada, muito passeio.

E foi isso o menos.

Houve até quem pensasse que na subita escuridão em que Lisboa se achou envolta um d'estes dias, pelas duas horas da tarde, novamente, mas d'esta vez do lado de Cacilhas, surgiria a figura enorme de Adamastor, chamando pelos ministros para lhes revelar casos futuros não menos horrendos, mas tão sómente menos tragicos, do que aquelles que n'um dia de máo humor o gigante bramiu ao arrojado Vasco da Gama, com um tom de voz horrendo e grosso.

Houve, dizem jornaes, quem de susto ajoelhasse nas ruas, erguendo as mãos ao céu. Uma boa batida d'agua e desfez-se a escuridão. Adamastor deixou-se ficar no Cabo, onde Thetis o continua a cercar com as mesmas aguas e os inglezes o tratam muito bem.

Mudo e quedo é que é o papel d'eile, primeiro porque, como personagem illustre, tem de dar bom exemplo e depois porque para discursar agora ás novas massas teria de chamar em auxilio o Francisco d'Almeida, auctor dos *Lusiadas do Seculo XIX*, e isto d'um grande vulto precisar de interprete e não poder dizer pelo menos quatro palavras em francez, que é coisa que toda a gente sabe, poderá parecer exquisito.

E, enquanto as nuvens ribombavam lá em cima, arremettendo com mil coriscos contra a terra, trovejava o Silva Pinto nas *Novidades* n'um vehemente artigo contra o plebiscito do *Reporter*.

E' a mania agora: consultar o publico. O *Reporter* quer assim saber qual é o primeiro poeta, o melhor critico, o mais pujante dramaturgo, o mais talentoso jornalista, o mais destemido orador; a *Tarde* pergunta aos seus leitores quem é o mais cuidadoso criador de gado bravo que existe em Portugal, qual o primeiro intelligente que tem dirigido toiradas em Lisboa, o melhor cavalleiro, o melhor capinha, o mais valente pegador; a *Revista Theatral* abriu plebiscito para saber quaes as melhores peças que se tem representado no theatro de D. Maria para que os seus directores as levem novamente á scena.

Mas, Santo Deus! ha mais de cincoenta annos que andamos sempre a consultar o publico para sabermos quem nos deve governar e tem sido o que se vê!

O publico sabe lá coisa nenhuma, toma lá isso a serio! E é o que nos vale. Se tomasse a serio era capaz de ser peor.

Claro esta que nos plebiscitos dos jornaes não houve chapeladas; mas deixem pegar a moda e nós veremos. Cem bilhetes postaes são dez tostões e ver-se-ha então quem é que dirige melhor uma toirada.

É que o publico, até quando se exprime sinceramente, sem ter de encapotar-se em iniciaes enigmaticas ou pseudonymos misteriosos, raramente tem a capacidade sufficiente para responder a coisas com que a maior parte das vezes nada tem, de que andou sempre descuidado até ao momento em que lhe fazem a pergunta e elle tem que decidir.

É raro quem não conheça um rapaz, que poucos mais conhecem, o qual não sabe nada, não estudou nada, que tudo quanto faz é sobre o joelho, que é um mandrião, o que é uma pena, mas que, esse sim, se um dia quizesse, era o primeiro de todos.

Um dia o homem assoprado quer.

Curioso dramatico, por exemplo, arranja uma escriptura, trepa ao palco, entra em scena.

Os amigos applaudem-o Deitam-lhe versos em papel de côres, que veem bordejando desde as ultimas ordens até á plateia.

*Vai, prosegue em teu caminho!*  
(Caminho rima com espinho, sempre)  
*N'essa grande arte des Palmas.*  
(E Palmas rima com palmas)

Um anno depois o esperançoso mancebo volta desilludido ou, para ficar no theatro, arranja um lugar de porteiro.

Não ha terra nenhuma em que o homem do cornetim, o que toca a polka com variações, não tenha um talento extraordinario.

E cada um, que faz parte do publico, sempre, de quem mais gosta é d'um d'esses.

*Souvent femme varie,*  
*Bien fol est qui s'y fie.*

A grande leviandade das mulheres teve quem lhe desse de rosto. Outra grande qualidade d'essa criança, que se chama o publico.

Todos os que trabalham para lhe agradar andam constantemente ás apalpadellas, encontrando-o sempre mais voluvel do que uma mulher coquette. E ainda com mais um defeito: uma mulher coquette pôde ser bonita, o sr. Publico é sempre feio.

E, quanto mais perto d'elle se trabalhar, peor, mais essa volubilidade se torna ás vezes brutal. E d'ahi as ancias, os receios, as tentativas abortadas, os erros crassos.

Ainda é do nosso tempo o Pestana galan dramatico, d'olhos em alvo, melenas desgrenhadas, voz cava, sobrecasaca preta, unico applaudido, unico que fazia sonhar as meninas. E todos os actores queriam ser galans. Vieram depois os insupportaveis *diseurs*. O galan entristeceu porque o *diseur*, sem lhe dar tempo para dizer nem uma nem duas, cahiu-lhe a fundo em cima. Se no fim da tirada havia um rodriguinho, que aliás quasi nunca ninguem percebia, o publico delirava. E quem quizesse ver o Pestana desvanecido era dizer d'elle: «O Pestana!... Que *diseur*!» A moda agora está nos caracteristicos. O publico já não quer outra coisa. E o Pestana: «O' menino, arranja-me um caracteristico. Bem sabes que para outra coisa não tenho mesmo jeito nenhum.»

Orá está-nos parecendo que se annunciam para breve uns espectaculos em que o gosto do publico não será inteiramente satisfeito.

O artista deve trabalhar como entenda, como a consciencia lhe disser que é de valor o seu trabalho. E assim agradará, assim, máo grado, escolas rivais, ignorancias de soberbos, pedantismos d'impotentes, torpezas d'invejosos, pequeninas misérias e aborrecidas luctas, afirmará o seu talento, terá feito, e só assim, uma criação.

É que o publico leviano e voluvel como as crianças, tem como ellas, bondade, enthusiasmos, o instincto, embora confuso, do bello. Não ha obra bem pensada, honesta, sincera, de cuidado labor, que não tenha um dia a recompensa, tarda ás vezes, dolorosa, porque é tarda, quando chega, mas fatal. E' que ella no seu valor tem força bastante para vencer em ataques sinceros, quanto mais contra miseraveis impecilios de rachiticos liliputianos.

Gulliver não lhe custou nada apagar um fogo.

E' preciso que o publico se convença de que para applaudir não é necessario que não perceba. Pelo contrario.

Porque hão de sempre applaudir o Brazão no *Hamlet* na scena com os comicos que veem representar *A morte do Rei Gonzaga*? Alguem percebeu já o que o Brazão diz? Nem elle. Criticos como Dryden, Warburton e com elles Francisco Victor Hugo pensam que Shakespeare quiz simplesmente, imaginando aquellas citações, fazer uma parodia das tragedjas emphaticas que eram moda no seu tempo. Nada mais. Mas cada um applaude para fazer figura ao pé do visinho, que esse com certeza não percebeu, mas tambem applaude para não ficar atraz. E o Brazão agradece reconhecido, pensando lá por dentro sabe Deus o quê, elle que é um artista de raça e tem visto trabalhos seus de primeira ordem passarem sem um murmurio de applauso, para não irmos mais longe, no proprio *Hamlet*.

Quando a maior simplicidade for para o publico a qualidade suprema d'uma obra, então estará apto para applaudir a grande arte.

Novelli, que já se estreiou no Porto, virá para o mez de outubro dar uma serie de representa-

ções no theatro D. Amelia. No seu enorme repertorio traz os dramas d'Ibsen, que pela primeira vez serão representados em Lisboa. Auctores allemaes e russos, entre nós completamente desconhecidos, hão de revelar-nos novos segredos de commoção, abrir nos na arte dramatica horizontes deslumbrantes. Novelli é essencialmente um actor moderno, que tem o mais religioso culto pela verdade. E se esta é uma deusa o theatro será um templo. Entremos n'eile sacudindo as nossas botas, que no lixo d'essas ruas ha preconceitos, theorias falsas, ignorancias crassas e pedantismos fedorentos, em barda.

E se, depois d'uma chronica feita ao acaso da inspiração, n'este tempo que deveria ser de ferias, porque raro se dá um acontecimento que mereça dez linhas, não fosse uma quasi irreverencia pôr como ponto final uma lagrima, como eu juntára mais essa á d'esses pobres velhos, que viram realiado um sonho fantastico e que hoje olham tão tristemente para o passado, que lhes ha de parecer um sonho!

Não é no final d'uma chronica já escripta que lhes posso falar de Carlos Lobo d'Avila.

Que quant s lagrimas a sua morte fez verter subam em neblina tremula, perfumada, doirada pelo sol, até aos pés de Deus, contando-lhe a historia dos corações que choram seu coração morto.

João da Camara.

## BOCAGE <sup>1</sup>



NOME de Bocage é conhecido do povo portuguez, que com certa intuição do genio o associa ao de Camões; na nossa pequena litteratura, que acompanhou as correntes europeas na época provençal, no periodo da Renascença, em todas as variações do gosto, e em que o escriptor mais preocupado com a erudição quebrou todas as relações com o povo, o facto da glorificação geral do nome de Bocage obriga a critica a ratificar este juizo espontaneo, procurando qual a relação moral que existe entre essa individualidade e a collectividade anonyma.

O povo tem profundos presentimentos; nunca leu o poema de Camões, mas sabe que esse nome está ligado ás grandes glorias e aos proteitos da nacionalidade portugueza; tambem não conhece de Bocage mais do que uma ou outra anedocta de um espirito em revolta, maspela sua sympathia adivinha que era um genio atrophiado pelo meio deprimente de uma sociedade levada ao extremo da decadencia. E' este o ponto de vista por onde o aferimos para lhe darmos ingresso na phalange dos grandes homens da civilização portugueza. Bocage não foi um iniciador, um inventor ou um instituidor, mas subordinou a sua vida ao motivo ideal que determina a actividade dos grandes homens; esse motivo, em uma época fecunda teria sido a iniciação ou exemplo como heroe ou como martyr, mas em uma sociedade imbecillizada pelo obscurantismo religioso e pelo terror do cesarismo a sua vida consumiu se na revolta contra o erro constituido, no protesto irrepresivel, que o precipitava na desgraça. Os amigos que o conheceram de perto, como Bingre, deixaram os traços moraes que o definem: «Foi honrado, verdadeiro, liberal, muito amante da sua liberdade e figadal inimigo da escravidão.» Não era preciso tanto para ser esmagado sob uma avalanche de iniquidades, em uma sociedade em que a espionagem policial e inquisitorial eram os sustentaculos da ordem publica; em que a bajulação tornava a mentira um systema de segurança e de bem estar pessoal; em que a liberdade em todas as suas manifestações era abafada como um perigo para a irresponsabilidade das instituições anachronicas.

As qualidades moraes de Bocage, descriptas por Bingre, puzeram a sua existencia em conflicto com um meio social degradado; sem o apoio de uma noção da dignidade humana, bajulou tambem como os outros poetas cesareos, mas os impetos da indignação irrompiam-lhe da alma, protestava, e a sua forte inspiração achava o verdadeiro caminho nos admiraveis repentes que que assombraram Lord Beckford, e n'essas Saty-

(<sup>1</sup>) Este artigo, publicado no «*Plutarcho Portuguez*» foi agora revisto pelo seu auctor que gentilmente a isso se prestou. N. da R.



ras racionalistas que lhe abriram os cárceres da Polícia preventiva e do Santo Officio. A vida de Bocage resume-se n'essas palavras com que Byron se retrata na Epitola a Augusta: «A minha vida inteira não foi senão uma lucta, desde que recebi o sêr e com elle alguma cousa que devia destruir-lhe o beneficio — um destino e uma vontade caminhando fóra da estrada batida.» N'esta lucta, Byron tinha os estímulos de um poderoso meio social; o contraste da noção ideal que o dirigia dava-se diante da actividade egoista do industrialismo moderno, e para conservar-se livre fóra da estrada batida, para não succumbir com o desalento de um pessimismo doentio, tinha um milhão de libras de rendimento, que dava á sua ironia o tom de um desdém soberano. Bocage era pobre; filho de um honrado advogado de Setubal, creado prematuramente sob a disciplina militar, cortejado proteccionalmente por dignatarios officiaes e por eruditos ecclesiasticos, elle bem conhece, que os seus versos eram «scriptos pela mão do fingimento, cantados pela voz da dependencia.» Para romper contra esta chateza geral era preciso que aquella natureza fo-se pura: «honrado verdadeiro e liberal», como o caracteriza uma testemunha contemporanea. E' por isso que Bocage não pôde ser julgado simplesmente pelo que escreveu, mas pelo que era capaz de fazer se tivesse nascido em uma outra época, em outro meio social, em que a sua existencia não ficasse sem destino.

## II

Manoel Maria Barbosa du Bocage, nasceu em Setubal em 15 de setembro de 1765, quando seu pae, o bacharel José Luiz Soares de Barbosa, antigo Juiz de Fóra da Castanheira de Povos e Ovidor em Beja, se retirara á vida privada pondo banca de advogado em Setubal. O nome de Du Bocage vinha lhe por parte de sua mãe D. Mariana Joaquina Xavier Lestof du Bocage, filha do francez Gil Le Deux (ou l'Hedois) du Bocage, que chegou a vice-almirante na armada de Portugal. Manoel Maria era o quarto filho, tendo d'este casamento nascido mais duas meninas, a ultima, D. Maria Francisca, que foi a companheira inseparavel do poeta e a que lhe recebeu o ultimo alento. O talento poetico de Bocage revelou-se com extraordinaria precocidade: «Das faixas infantis despido apenas,» como elle o declara com um certo desvanecimento, repetindo: «Versos balbuciei com a voz da infancia.» Recebeu a educação domestica, de que lhe ficou sempre essa pureza de emoções que o elevam como homem e como artista; a fatalidade fêl-o perder sua mãe aos dez annos, sendo por isso obrigado a continuar os estudos fóra de casa, frequentando a aula de latim do padre hespanhol D. Juan Medina, e de um outro mestre, do qual dizia, alludindo ao systema pedagogico da pancadaria, introduzido do tempo dos jesuitas: «Se contínuo mais tempo aleija-me.» Aos quatorze annos sentou praça de cadete no regimento de infantaria 7 de Setubal, vindo n'esse mesmo anno de 1779 para Lisboa, para seguir os estudos superiores, onde julgamos ter frequentado a Academia Real de Marinha. A sua nomeação de guarda marinha por decreto de 31 de janeiro de 1786, leva a inferir, que sendo o curso de tres annos, passou uma vida dissipada na capital, sendo o despacho para a Armada do Estado da India um meio de o arrancar da dissolução em que andava envolvido. Preponderava então o *Intolerantismo* do reinado de D. Maria I, em que o Arcebispo-Congregador era o ministro omnipotente; a rainha vagava pelos paços de Queluz berrando de dia e de noite victima da allucinação fanatica a que a levaram, dizendo que via no inferno a estatua equestre de seu pae em ferro em brasa; os homens de sciencia eram perseguidos, como foi José Anastacio da Cunha, ou fugiam de Portugal como o insigne naturalista Corrêa da Serra. Felix de Avellar Brotero e Francisco Manoel do Nascimento. O principe D. José, que se revelara partidario das ideias administrativas de Pombal, cujas reformas eram calculadamente destruidas, tambem morreu repentinamente, para que como herdeiro do throno não vingassem essas ideias do *philosophismo*, como então lhe chamavam.

Em um meio tão extraordinariamente obcecado era uma desgraça ter talento; Bocage foi arrastado n'essa corrente da inconsciencia publica, frequentou as partidas, então em moda entre a burguezia, alliou-se com os filhos vadios das casas fidalgas, fez versos ás Marias, ás Filis, ás Tersalias, e escreveu a letra de *Modinhas* sentimentalistas e allegoricas, cantadas ao gosto brasileiro em uma sociedade dormente, que só manifestava signaes de vida nas festas religiosas, nos equívocos fradescos, na sensualidade furtiva e na pieguice.

N'este tempo vivia Bocage entre a mocidade dissoluta da fidalguia, e foi junto de Dom Francisco da Cunha Menezes, e Verdeil, que Lord Beckford o encontrou por meado de 1786. E' pasmoso o retrato que o illustre auctor do *Vathek* traçou de Bocage em uma das suas inimitaveis cartas escriptas de Portugal: «Verdeil trazia consigo o governador de Goa, D. Francisco Calhariz, e um pallido, exquisito mancebo, o sr. Manoel Maria, a creatura mais extravagante, mas por ventura a mais sui generis que Deus ainda formou. Aconteceu estar este mancebo em um dos seus dias de bom humor e de excentricidade, que, como o sol de inverno, vinham quando menos se esperava. Mil ditos graciosos, mil cargas de delirante jovialidade, mil apodos satyricos por elle incessantemente vibrados, fizeram-nos finir de riso. Quando porém começou a recitar algumas das suas composições, nas quaes grande profundidade de sentimento se allia com os mais patheticos toques, senti-me estremecido e arrebatado. Pode se dizer com verdade, que aquelle extranho e versatil character possui o segredo de encantar, segredo que encanta, segredo que, ao grado do seu possuidor anima ou petrifica um auditorio inteiro. Reparando elle quanto me estava enleando, disse-me:

«— Não esperava que um moço obscuro e novel versejador a minima attenção. Vós pensaes que os portuguezes não tem outro poeta senão Camões, e que Camões não escreveu mais nada capaz de lêr-se senão os *Lusiadas*. Aqui tendes um soneto, que vale a metade dos *Lusiadas* :

A formosura d'esta fresca serra,  
E a sombra dos verdes castanheiros,  
O'manso caminhar d'estes ribeiros  
D'onde toda a tristeza se desterra :

O ronco som do mar, a extranha terra,  
O esconder do sol pelos outeiros,  
O recolher dos gados derradeiros,  
Das nuvens pelo ar a branda guerra ;

Emfim, tudo o que a rara natureza  
Com tantas variedades nos offerece,  
Me está, se não te vejo, magoando ;

Sem ti tudo me enjôa e aborrece ;  
Sem ti perpetuamente estou pensando,  
Nas mões alegrias mór tristeza.

«— Não escapou ao nosso divino poeta uma unica imagem da belleza rural; e que pathetica não é a applicação da natureza ao sentimento! Que fascinadora languidez, como arreboes do sol da tarde se não derrama por sobre esta composição! Se alguma cousa sou, fez-me este soneto o que sou; porém, que sou eu, comparado com Monteiro! Julgae.

«Proseguiu, entregando-me alguns versos manuscritos d'este auctor, que os portuguezes apreciavam muito. Posto que esses versos eram meliodiosos, devo confessar que o Soneto de Camões e muitos dos versos do sr. Manoel Maria me agradaram infinitamente mais; mas a verdade é, que eu não estava sufficientemente iniciado na força e nos recursos da lingua portugueza para ser competente juiz, e este transcendente genio só revelou falta de penetração imaginando que eu fosse um d'esses juizes competentes.»

Na realidade Beckford era um extraordinario juiz, como observador e como artista; o assombro que lhe produziu Bocage é um documento positivo da superioridade d'esse genio repentista, estimulado sem destino, e reagindo contra a insensatez geral pela jovialidade delirante, pela excentricidade irrepresivel, e pelos apodos satyricos que irrompiam do meio de uma tristeza apathica e desalentada. Essa rapida conversa com Beckford, revela-nos que Bocage era já conhecido como um homem que dominava o seu meio pelo poder inexplicavel de arrebatado, ou petrificar quem o ouvia; era o esplendor do genio. Os versos de Camões eram para Bocage a sua Biblia; estuda-os, analisa-os, recita-os com enthusiasmo, dá-lhes relevo, impõe-os á admiração, e um seculo antes da Allemanha philosophica reconhecer a sublimidade incomparavel do lyrismo de Camões, tanto ou mais profundo que a sua epopeia nacional, Bocage pela intuição do genio chega á mesma alta affirmacão esthetica :

«Aqui tendes um Soneto que vale a metade dos *Lusiadas* »

A partida de Bocage para a India, os seus desalentos em Goa, a vida errante no Cantão, e miseria na feitoria de Macau, tudo o leva por instincto a comparar a sua vida á vida de Camões no celebre soneto :

Camões! grande Camões! quam similhante  
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!  
Egual causa nos fez, perdendo o Tejo,  
Arrostar co' sacrilego Gigante.

Como tu, junto ao Ganges sussurrante,  
Da penuria cruel no horror me vejo,  
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,  
Tambem carpindo estou, saudoso amante,

Ludibrio como tu da sorte dura,  
Meu fim demando ao céu, pela certeza,  
De que só terei paz na sepultura ;

Modelo men tu és... Mas oh tristeza!...  
Se te imito nos trances da ventura,  
Não te imito nos dons da natureza.

Em outras situações da sua vida, quando Bocage dava conselhos a jovens litteratos, como a um Bersane Leite, indicava-lhe sempre o estudo dos versos de Camões. Na conversa com Lord Beckford, Bocage confessa o que deve ao influxo de Camões: «Se alguma cousa sou, fez-me este Soneto o que sou; porém, que sou eu comparado com Monteiro.» Sente-se aqui a primeira rivalidade de Bocage, sentimento que encheu a sua vida litteraria de tempestades, como a lucta com os Neo-Arcados em 1793, e com José Agostinho de Macedo em 1801, morrendo victima da oppressão moral com uma aneurisma. Em 1786 era tambem apreciado pelo publico o poeta Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, que veio a ser um dos grandes partidarios das ideias liberaes, distinguindo-se pelo genero satyrico, sobretudo na celebre *Guerras dos Poetas* contra os ultimos restos da Arcadia. Na narrativa da excursão de Lord Beckford á Batalha e Alcobaça, o opulento viajante diz que levava na algibeira um volume de versos de Bocage e outro de Monteiro; parece que a emulação affastou para sempre os dous poetas.

(Continúa)

Theophilo Braga.

## M. M. BARBOSA DU BOCAGE



iveu n'um ambiente pesado e crepuscular.

A Arcadia, com quanto tivesse homens de subido merito, já não podia representar os Quinhentistas, e foi rapido o seu reinado. A alvorada da nova escola, que romperia na Allemanha, ain-

da não reflectia, nem na propria França, os primitivos clarões. Se houvesse nascido no principio d'este seculo, Bocage seria um poeta extraordinario! Não teve horizonte para bater as azas, de larga e poderosa envergadura! Ainda assim, nos seus versos, ha sempre, ou o fuzilar do relampago ou a gorgear da cadencia de fonte nativa e cristalina! Os seus improvisos, ao ar livre, lubricos e mordazes, provo-

cavam applausos da multidão. Bastariam esses applausos para illuminar o espirito do poeta! Não é rara a nodoa de melancholia em que elle nos diz, que o riso era forçado e fugitivo, como eram pouco vivazes os laureis da ephemera victoria! A vida de Bocage, a que elle mesmo chama com amarga ironia — «folgada e milagrosa» — para mim é sombriamente triste, ... da tristeza que ri, que é a mais cruel de todas!

Mordido pelos dentes envenenados do padre José Agostinho de Macedo, Elmano, o leão fulvo, sacode a juba, rompe com todas as fórmulas da sua epocha, e accesso na indignação de Juvenal, vibra a *Pena de Talão*, açoite crepitante, que é a primeira satyra do no-so paiz e da Peninsula!

Ha notas, n'essa satyra, que destoam do seu tempo, e pelas quaes se pôde apreciar o sentimento latente, a commoção viva d'aquella alma de elevado artista! Se nasce n'outro momento, se o amor o fere no coração, aos relanços audaciosos do poema, houvera re nido, as tintas mais coloridas do lyrismo, os mais sonoros e delicados idilios! Era um temperamento excepcional, n'uma palavra, um poeta de raça e muito superior ainda ás obras que nos legou!

Monte de Caparica, Torre, 4 setembro 1805.

Bulhão Pato.





NAS PRAIAS — BANHO INFANTIL — QUADRO DE W. KRAY



## OS IRMÃOS DE BOCAGE



ALGUNS biographos de Bocage attribuem tambem elevados dotes poeticos a dois dos seus cinco irmãos: Gil Francisco Barbosa du Bocage e D. Maria Francisca Barbosa du Bocage.

Rebello da Silva, sendo mal informado, foi o primeiro que escreveu tal noticia na biographia do insigne poeta setubalense, a qual serve de introdução á edição das obras de Bocage, publicada por Innocencio da Silva, em 1853.

Pinho Leal, no seu *Diccionario do Portugal Antigo e Moderno*, seguiu as indicações de Rebello da Silva e considerou tambem não serem extranhos ao culto das musas esses dois irmãos do *Elmano Sadino*.

Graças ás investigações do erudito setubalense sr. Manuel Maria Portella, um distincto poeta e extreme admirador do seu conterraneo Bocage, podemos corrigir essas opiniões mostrando o erro em que laboraram os citados biographos.

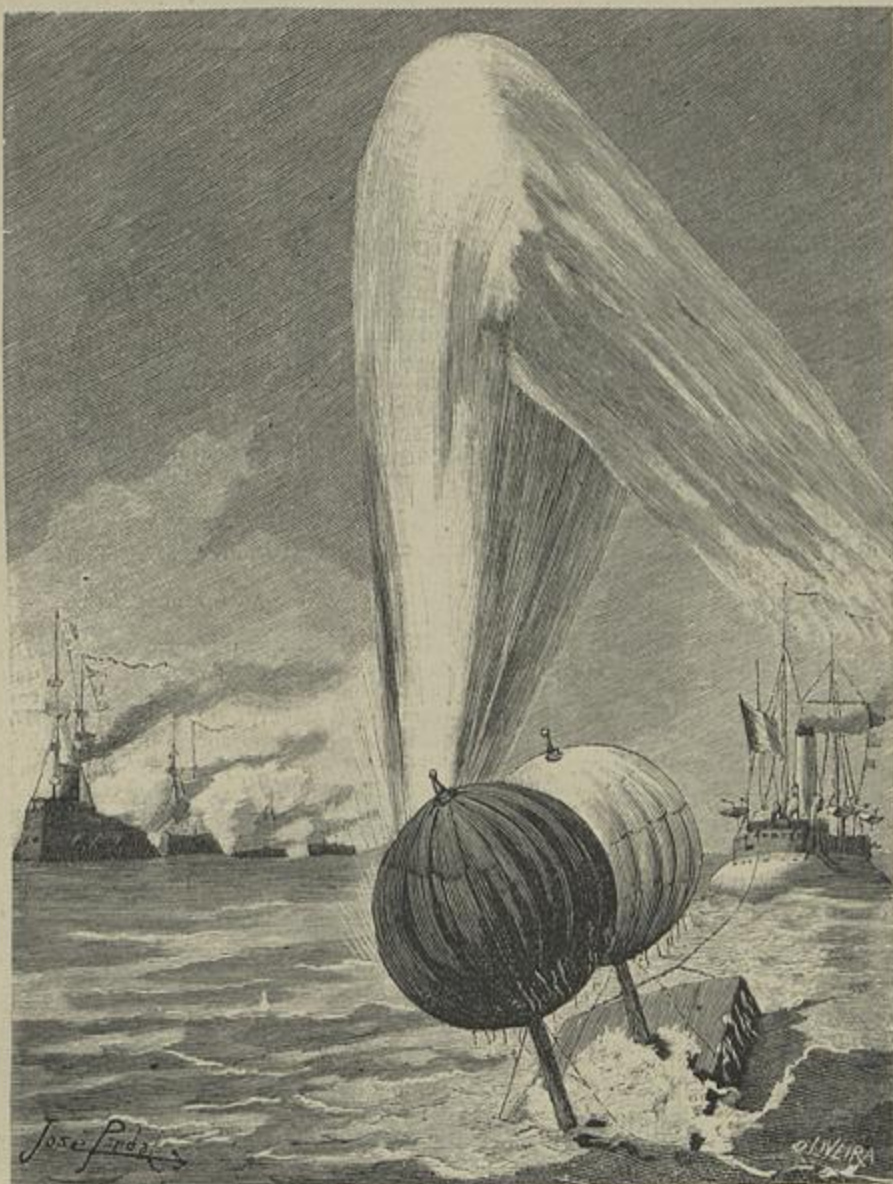
A respeito de Gil Francisco Barbosa du Bocage, sabe-se que nunca poetou nem para fazer versos mostrou competencia. Era jurisconsulto de mediocre merecimento como o attestaram, ao sr. Portella, pessoas dignas de todo o credito e que com elle trataram.

De D. Maria Francisca Barbosa du Bocage, a irmã mais nova, muito querida do poeta e sua assidua enfermeira, tambem se affirma ser insustentavel a qualificação de poetisa, dada a esta dama pelos sobreditos biographos, e isto corroborado pela carencia de provas que o demonstrem.

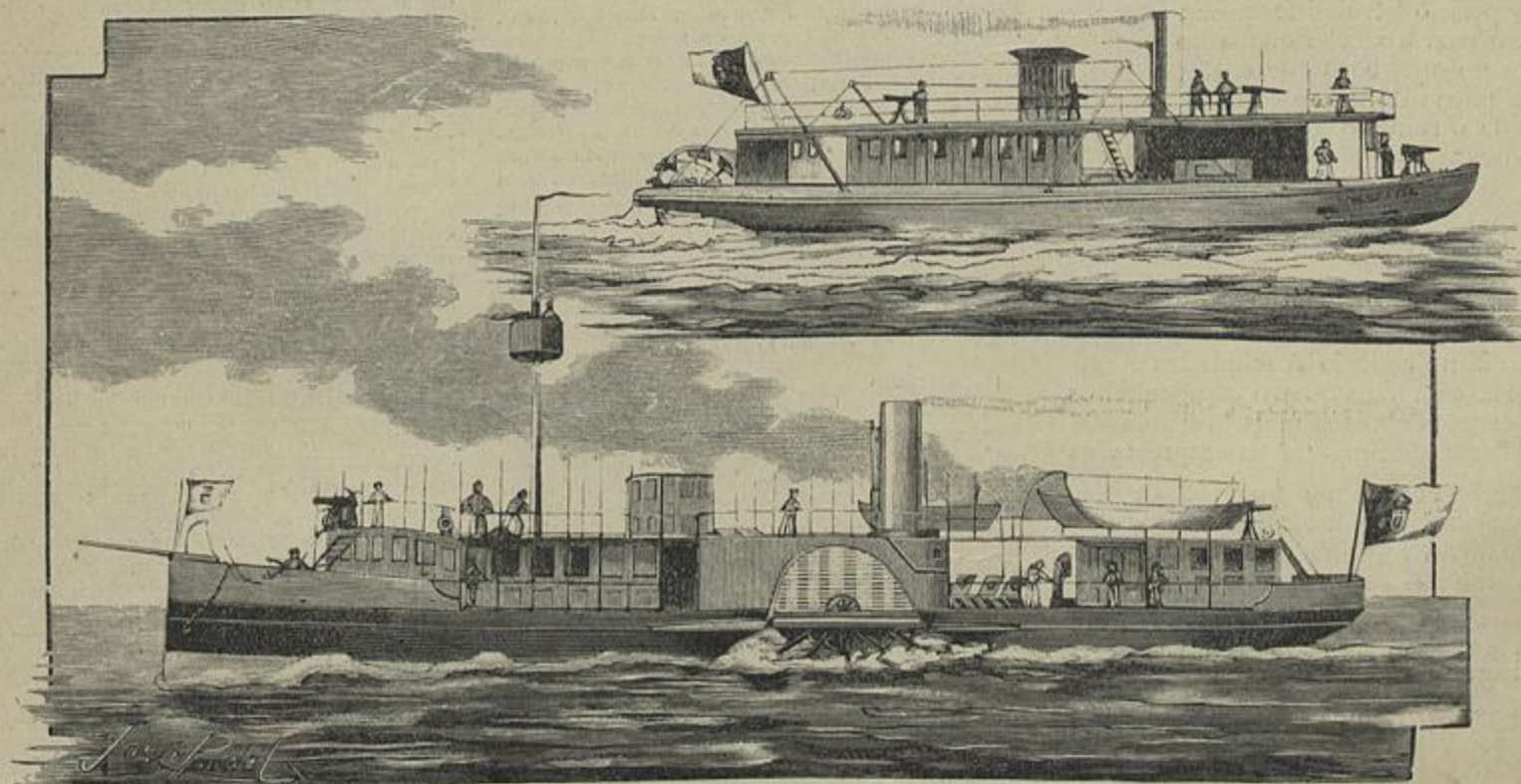
Outra inexactidão, mais importante, é a de Rebello da Silva e de seus seguidores dizerem que D. Maria falleceu em Lisboa em casa da inspirada marquezia d'Alorna. O termo do seu obito, succedido em 12 de Março de 1841, consta do livro 8.º da freguezia de S. Sebastião de Setubal, pois que n'essa cidade exhalou o ultimo suspiro a extremosa e estremecida irmã do grande Bocage.

Lisboa, 12 set. 1895.

Esteves Pereira.



BALÍSTICA MARÍTIMA — ALVO FLUCTUANTE



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — LANCHAS CANHONEIRAS «LACERDA» E «HONÓRIO BARRETO»



## VOTO

Foi aqui que nasceste, ó Bocage ;  
Foi aqui, ó poeta do Sado,  
Que o teu berço tiveste encantado,  
De harmonia, de graça e de amor.  
Assim busca entre os ramos virentes,  
No campestre silencio e repouso,  
Fabricar o seu ninho o plumoso  
Das florestas suave cantor.

E tamanhos enlevos deixaste,  
Esta paz, este ar, esta vida,  
Por correr á cidade mentida,  
Onde a alma não pôde scismar !  
Foste grande ; porém se ficasses  
Rodeado de tantos primores,  
A viver na soidão e co'as flores,  
Quem teu nome tentára egualar ?

Lá morreste n'um calix a gloria  
E a amargura a um tempo bebendo,  
Para a altiva cidade, esquecendo  
Os teus ossos, de todo os perder ;  
Lá morreste infeliz e bem longe  
D'onde deste o primeiro vagido ;  
Antes, antes houvesse morrido  
Onde o genio aspiraste ao nascer ;  
Porque ao menos seriam teus restos  
N'este solo de fertil verdura,  
Em que a terra c'o céu se mixtura,  
Em que tudo se nutre de amor,  
E tiveras a vista, o perfume  
De teus campos, o oceano fronteiro,  
E os teus a apontar ao estrangeiro :  
Eis o tum'lo do nosso cantor.

Ó Setubal, paiz deleitoso,  
Ó ameno, aprazível retiro,  
Onde agora passando suspiro,  
Para breve partir-me d'aqui,  
Estes dias que moro em teu seio  
Nunca, nunca serão esquecidos ;  
Teus encantos na mente esculpido  
Me dirão que contigo vivi.

Os teus plainos, teus valles, teus montes  
(Ah! e d'estes que scenas diviso!)  
Vou deixar ; arrancar-me é preciso  
A logares de tanto prazer ;  
É preciso arrostar novamente  
O mar bravo, juguete da sorte,  
Sem saber qual meu fim, qual meu norte,  
Nem se torno estes sitios a ver.

Adeus pois, ó Setubal formosa ;  
Fica em paz, e recebe qual voto  
Este canto que, bardo devoto,  
Quiz á patria do bardo entoar ;  
Assim ia o romeiro de outrora  
Em procura da terra sagrada,  
E, nas aras a offerta deixada,  
Proseguia no seu caminhar.

Ramos-Coelho.

## BONS TEMPOS

A Caetano Alberto

Um dia no collegio descuidados  
Eu lia com mais quatro companheiros  
De Bocage os sonetos mais brejeiros  
N'uns livros que nos foram emprestados  
Mas, de repente fomos apanhados  
Pelo perfeito que em altos berreiros  
Tudo palmou com modos mui grosseiros  
E ameaçou-nos de sermos castigados  
No quarto d'elle á noute que inferneira !  
Fui ver, a.s hombros d'outro por a bandeira  
Que risota que ditos tão facetos!...

Com a sua voz aguda de flautim  
Lia o maroto ao mestre de latim  
O mais fresco de todos os sonetos.

10-9-95.

Libanio Baptista Ferreira.



## AS NOSSAS GRAVURAS

## NAS PRAIAS, BANHO INFANTIL

Reprodução fidedigna do natural ou mera e phantásiosa allegoria á vida nas praias, o presente quadro do artista allemão W. Kray constitue um gracioso trabalho mostrando da parte do seu auctor notavel intuição artistica e verdadeira observação.

Acompanhando o leitor na analyse do presente quadro offerece-nos notar as expressões alegres dos tenros infantes, verdadeiros traquinas, o cuidado que se revela no rosto da mulher, a anatomia, as roupas, e o assumpto; tudo torna opportuno e digno de se admirar esse lindissimo quadro que reproduzimos na gravura da nossa quarta pagina.

## BALISTICA MARITIMA

## O ALVO FLUCTUANTE

A noticia de que a fragata de guerra *D. Fernando* regressara, no dia 4 do corrente, á sua amarração no Tejo, apoz a commissão que exerceu de servir de escola de tiro ao alvo, em frente do areal da Trafaria, surgiu-nos a lembrança de apresentarmos aos nossos leitores uma estampa que representasse como esse estudo e exercicio de atiradores marinheiros se faz nos paizes mais adiantados nos progressos da balística maritima.

Referimo-nos ao alvo fluctuante muito usado pelas marinhas de guerra estrangeiras, mórmente pela França.

Entre nós os processos usados, para adestrar os marinheiros atiradores são ainda hoje exactamente os primitivos: Fundeia o navio em frente de um areal e n'elle se cravam uns alvos de lona aos quaes se atira.

A nossa gravura, feita sobre um desenho do sr. José Pardal, é bastante elucidativa do processo usado a que acima alludimos. N'ella se vê que todos os navios estão em movimento e que o alvo tambem o está o que torna muito mais difficil o atirar bem, mas o que em compensação adestra muitissimo melhor o atirador.

Este alvo ou alvos, consistem em duas esferas pintadas, uma de preto, outra de branco, montadas n'um pequeno taboão, o qual é rebocado por outro navio que auxilia o tirocinio e que, na nossa estampa, é o cruzador torpedeiro *Condor*, cujo andamento é de 18 milhas.

Os mais navios representados na gravura são como este cruzador pertencentes á esquadra activa do Mediterraneo a qual é composta por varios cruzadores e dos nove couraçados: *Amiral Baudin*, *Duperré*, e *Courbet*; *Formidable*, *Furieux*, *Hoche*, *Indomptable*, *Magenta*, e *Marceau*.

A esquadra de reserva é formada por outros nove couraçados, pelo que, em geral, as duas grandes esquadras da França no Mediterraneo tem uns cincoenta navios nos exercicios navaes.

A nossa gravura mostra uma columna d'agua que se eleva, originada pelo recochete de uma bala que não se fixou no alvo fluctuante.

## MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

AS LANCHAS-CANHOEIRAS «LACERDA»  
E «HONORIO BARRETO»

Em maio do corrente anno passou pelo Tejo com destino a Lourenço Marques, o vapor inglez *Buccaneer*, transportando quatro lanchas-canhoeneiras que o governo portuguez mandou fazer em dezembro de 1894 na casa constructora Yarrow & C.<sup>a</sup>, de Poplar.

No alto da nossa estampa damos o desenho de uma d'essas canhoeneiras a *Lacerda*. As outras foram intituladas com os nomes dos districtos officiaes de marinha *Roberto Ivens*, *Hermenegildo Capello* e *Serpa Pinto*.

Estes navios vieram divididos em secções para que o seu transporte fosse mais facil. Acompanha-os o pessoal necessario para os armar, uns em terra outros a bordo. São todos feitos de aço Bessemer e as chapas do costado são de ferro zincado.

A canhoeneira *Lacerda* que apresentamos como typo de todas as quatro que em pouco differem,

pois umas tem duas caldeiras e outras uma, e isto para aquellas que tem que ser transportadas por terra como são as primeiras, podem ser descripta da fórma seguinte :

Estas lanchas tem de comprimento total 27.<sup>m</sup>05, de bocca 5.47 e de pontal 1.<sup>m</sup>21 e demandam, carregadas e com caldeira cheia, 0.<sup>m</sup>60 d'agua.

No convez, que é corrido de popa á proa, assentam as caldeiras, machinas, camaras canhões Hotchkiss, aparelho electrico, cozinha e retretes. Abaixo do convez, ficam os porões divididos pelos anteparos das diversas secções e constituindo 6 compartimentos, perfeitamente estanques, onde poderão ser arrecadados todos os mantimentos, sobreceletes e outros pertences do navio. Em caso de rombo em algum dos compartimentos e que este venha a encher-se de agua, o navio continua a fluctuar sem risco para a guarnição e para o proprio navio.

Acima do convez e á altura de 2.<sup>m</sup>30, corre o *spardeck*, que vae tambem da popa á proa e onde estão collocados o camarim do commandante, casa do leme, projector electrico e duas metralhadoras Nordenfeldt de 5 canos.

Os alojamentos no convez são destinados á marinhagem, pessoal de machinas e officiaes inferiores. O maior avante tem 10 beliches e servirá de alojamento aos marinheiros e fogueiros brancos. É fechado por janelas de rede metallica fina, a fim de evitar a entrada dos mosquitos e facilitar a entrada d'ar.

O alojamento da ré tem tres beliches e é destinado ao pessoal do estado menor. É tambem fechado com janelas de rede metallica; tem lavatorios, mesa e guarda-fato.

Em volta do navio e no convez ha uma balastrada de ferro com corrimão de cabo d'aço, para evitar que o pessoal caia á agua.

O convez é tambem protegido nos dois bordos por chapas d'aço amoviveis, tendo 6 millimetros de espessura e 1.<sup>m</sup>02 de altura. A marinhagem ou soldados podem, de dentro do navio, fazer fogo para todos os lados e direcções, abrigados por estas chapas de protecção. Eguamente a camara do commandante no *spardeck* tem chapas de protecção até 1.<sup>m</sup>20 de altura.

A proa, ha um cabrestante manual para suspender o ferro e outros serviços, e á ré, um fogão proprio para cozinhar para o commando, marinhagem e pretos remadores.

Sobre o *spardeck* e ávante será collocado o projector electrico, o qual pôde illuminar qualquer ponto do horizonte dentro de um circulo de 2 milhas de raio.

Este é abastecido por uma corrente electrica de 40 *Ampères* e 65 *volts*, fornecida por um dynamo Phenix e motor de 6 cavallos, que toma o vapor na caldeira do aparelho motor do navio. Este é constituído por uma caldeira typo locomotriz, pesando 6:000 kilogrammas.

As caldeiras fornecem o vapor a 100 libras de pressão por pollegada quadrada e tem as fornalhas voltadas á proa, a fim de facilitar a entrada do ar nos cinzeiros e activar a combustão. As caldeiras, que estão collocadas na proa do navio, podem queimar lenha ou carvão.

Junto a estas ha um distillador de systema moderno e duas pequenas machinas alimentares, typo Worthington.

As machinas motoras são horizontaes d'alta pressão e tirante directo; descarregam o vapor para a chaminé e assentam sobre tubos d'aço collocados na popa, os quaes servem tambem de suporte ao veio da roda locomotora e são collocadas, uma a bombordo e outra a estibordo, tendo as manivellas dispostas em angulo recto, o que torna a manobra de pôr a andar ou a mudança de marcha muito facil.

O casco e aparelho motor de cada lancha custaram na casa Yarrow & C.<sup>a</sup> 5:000 libras, ou 29:000\$000 réis.

A artilheria, fuzilaria, munições, embarcações, aparelhos electricos, louças de mesa, trem de cozinha, outros aprestes e mais despezas está tudo calculado em 2:500 libras, importando, portanto, cada lancha completamente armada, em 7:500 libras ou 43.500\$000.

Para o serviço da Guiné comprou tambem o governo a lancha canhoeneira *Honorio Barreto* cujo desenho egualmente apresentamos na nossa gravura.

É navio de 80 toneladas de deslocamento; mede 32.<sup>m</sup> 6 de comprido e 6.<sup>m</sup> de bocca tendo pontal 1.<sup>m</sup>9; e de immersão 0.<sup>m</sup>6.

Foi comprada á casa Hugh Parry & Son, de Lisboa em o dia 15 de março de 1894.

Actualmente está no dique do arsenal onde tem que ser chapeado de novo todo o casco o que não permite a sua ida para a Guiné tão de breve como era desejo do nosso governo.



## OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 601)

## XVII

## ARCHIVO E BIBLIOTHECA DA CAMARA DE SETUBAL.

N'este archivo pouco encontrámos quanto a illuminuras. Todavia é riquissimo de documentos para a historia de Setubal e seus suburbios. O sr. Manoel Maria Portella, illustrado secretario da camara municipal d'aquella cidade, tem colhido com rara intelligencia e annotado com vasta erudição muitos documentos importantes.

Aproveitamos a occasião para agradecer á Ex.<sup>ma</sup> camara a valiosa offerta que nos fez da *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal* publicada, a expensas suas, em 1877.

**Foral de Setubal** — manuscrito em pergaminho, em quarto, contendo vinte e um folios escriptos com boa letra. A illuminura principal, que abrange a primeira pagina da frente, em seguida ao indice, tem de curioso um anjinho rechonchudo ajojado pelas armas portuguezas com oito castellos. Estas armas estão ladeadas pelas espheras armillares e na ecliptica vêem-se as seguintes letras: R. P. G.

Numa tarja azul horizontal lê-se em letras floreadas e douradas: *Dom Manuel*.

A parte inferior da pagina tem um pavão de cauda aberta em leque, mariposa, caracol, e cravinas delicadamente minadas.

Todas as letras iniciaes são bi-coloridas muito graciosamente.

Foi feito em Lisboa a 27 de Junho de 1514.

A capa de madeira coberta de couro lavrado tem nas diagonaes as espheras de metal, das quaes faltam trez, e no centro o escudo das armas portuguezas apresentando sete castellos. Dos fechos só existem as charneiras.

Na *Memoria*, acima citada, ha a transcripção completa d'este foral.

O primitivo foral de Setubal foi dado por D. Afonso Henriques, no anno de 1249 D. Sancho I, D. Affonso III, e D. Diniz confirmaram-no sucessivamente.

(Continúa.)

## LAPSO

Por engano dissémos no artigo anterior que os livros do coro do convento dos Paulistas se guardavam na casa do despacho da irmandade de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Conceição, na freguezia de Santa Catharina, quando elles existem na casa do despacho da irmandade do Santissimo da mesma freguezia.

*Estêves Pereira.*

## UM D. JOÃO DE CASTRO DE CAPA E ESPADA

## V

(Continuado do n.º 601)

São estes livros de memorias como que uns balcões, abertos sobre a vida do passado — a vida dos reis, a dos nobres, a do povo. Vemos d'alli a scena e as personagens — a praça publica — o Rocío e o Terreiro do Paço — com os espectaculos do tempo, as procissões, as corridas de toiros, os autos-da-fé; os salões dos fidalgos com as suas intrigas, banquetes, saraus e galanteios; as entradas e saídas dos embaixadores, os manejos da diplomacia; os pateos de Comedias, com as suas dentro e fora dos bastidores; e as ruas e encruzilhadas que, nas passagens e encontros dos coches e liteiras armoriadas, nas corteziás, nas questões e luctas de precedencia, eram tambem origem de comedias e tragedias.

Estudamos n'elles as épocas e os costumes; impossivel, sem elles, o romance historico, a que elles dão a cor local, e a propria historia, quando não os consulta, que outra coisa é senão uma fria e fastidiosa enumeração chronologica de nomes e acontecimentos, uma serie de quacros sem cor, sem vida? A um tempo documentos politicos e documentos litterarios são documentos da civilização, tomando esta palavra no seu sentido mais lato; reproduzem-nos — com o cunho individual do chronista — a lingua, o gosto litterario, a phrase do tempo, o modo de pensar, de sentir e de trajar d'aquellas gerações, a sua religião, a sua moral, a sua philosophia, as suas predilecções, os seus

amores, os seus odios, e dizemos d'aquellas gerações, porque em cada época coexistem tres — a do passado, a do presente, e a do futuro. Os avós, os filhos e os netos.

As scenas succedem-se variadas e diversas, como na vida. Aqui, por exemplo, assistimos á entrada das justias no palacio de D. João de Castro. Não é difficil recompor o quadro. Recebe-as a fidalga, serena e orgulhosa, rodeada da sua familia e das creadas, na sala grande, colgada d'alto a baixo de pannos de Arras, ladeada de cadeiras de espaldar, com a larga pregaria amarella, que brilha na sombra do vasto aposento. Aos quadrilheiros diz-lhes com tom rispido e secco, que cumpram as ordens. Elles, com ares respeitosos ouvem-a, e percorrem depois, com os olhos vagos, os cantos escuros dos quartos interiores, as dependencias, a cozinha, os pateos, a cocheira, a cavallaria e o jardim, desejando não encontrar a quem procuram, e quasi já com a certeza de que assim será.

Quantos d'elles, encanecidos n'essa vida, sem fé n'essas diligencias, quasi sempre infructiferas, devem favores ao fidalgo, e senão a este, a um parente, ou a um amigo seu, quando não são seus servos, dependentes ou apaniguados? Debaixo do guardinfante da mulher de D. João de Castro pode esconder-se, bem ou mal, um homem: sabem-o elles, mas nenhum teve a audacia de pôr n'ella a mão sacrilega. Contêve-os, á falta de gratidão, o respeito tradicional, a cortezia ainda sentida por essas classes, em geral pouco polidas em todos os tempos, e o medo, o natural receio que lhes devia inspirar a perspectiva d'alguma espera nocturna, com duas ou tres estocadas, ao virar d'uma esquina das estreitas ruas e viellas da velha cidade.

Esta scena de baixa comedia, enxertada n'aquella tragedia, traz o cunho da época. Ao surgir das saias de sua mulher, ouvindo sair do seu palacio o ministro e os alguazis, rir-se-hia o truelento fidalgo da triste figura que fizera, e da dos quadrilheiros logrados? Talvez, que elle era homem para isso. Levaram-lhe os creados algemados, mas elle n'aquelle momento estava salvo. Em todo o caso, não esperou segundo assalto, e fugiu. O conselho era a consciencia quem lh'o dava.

\* \* \*

O palacio d'um fidalgo... Não fazemos facilmente idéa hoje do que era a casa, a residencia, d'um fidalgo antigo, dos bons tempos — a sua representação, o seu valor social, politico, juridico e militar — a sua auctoridade, as suas regalias, privilegios, e immunições, de direito commum e de direito consuetudinario. O palacio era castello, hospedaria, hospicio, e templo. Procurado e abençoado por uns, temido e odiado por outros, respeitado por todos, ainda quando as leis e o poder real o ameaçavam, a tradição e os costumes, o espirito de classe e o interesse particular, defendiam-o.

Era variada e numerosa a clientela. Alli viviam o filho segundo e os outros irmãos do morgado, os parentes, o padre capellão, e os apaniguados, que uma hora feliz trouxera á presença do fidalgo e que, pelo talento ou pela graça chocarreira, tinham conquistado a sua sympathia, um logar á sua meza, a não raro a habitação na vasta morada do poderoso senhor. Com este estado maior, que o divertia e acompanhava a elle e á sua familia, e que constituia a sua corte — uma corte em ponto pequeno, á imagem e semelhança da grande corte de El-Rei — vegetava em baixo, nos aposentos do rez-do-chão, um estado menor, composto dos creados e suas familias, recebendo tambem, de paes para filhos, a herança d'uma servidão, que gozava até certo ponto das regalias aristocraticas dos amos na consideração publica, e que, se não ganharam todos honorarios certos, que lhes pagassem os serviços, em compensação tinham guardada certa e o pão de cada dia na larga e hospitaleira meza do illustrissimo fidalgo. E quantos usufriam essa hospitalidade, que elle nunca viu, nem da sua existencia teve noticia. Os servos tambem protegiam como os amos — que do pão do nosso compadre grande fatia ao nosso afilhado.

Ao descer ao pateo grande, para montar a cavallo, entrar no coche ou na liteira, o amo avisava uma cara nova.

— O Roque, quem é aquelle? perguntava elle ao cocheiro.

— Sr. conde, saiba v. ex.<sup>ta</sup> que é um amigo meu, que me veio visitar.

— É um rapagão forte. O que faz elle?

— Elle agora não tem arrimo...

— Ah, sim.

Estava a apresentação feita: o sr. conde tinha mais um creado.

A's vezes o novo servo trazia nas calças ou no

gibão umas nodoas vermelhas; vinha fugido d'alguma rixa nocturna, em que tivera, a infelicidade de esfaquear outro homem. Não era isso caso para vergonha nem para repulsa, estava nos costumes nacionaes. Brigara, e saíra incolume da peleja: era um homem desembaraçado, um valente.

Nas paginas da chronica, a que nos temos referido, brilham frequentes vezes as facas até nas mãos dos nobres, e as espadas saem facilmente das bainhas na rua, nos pateos da comedia, e nos proprios salões do palacio real! Eram umas gerações guerreiras. Acabavam de batalhar com os hespanhoes pela independencia da patria; continuavam a batalhar na Africa, na India, na America; batalhavam, á saída de Lisboa, com os corsarios barbarescos! Como poderiam taes homens, sempre armados, abrir um parenthesis pacifico no meio de tantos combates? As suas tragedias de Lisboa tinham mais um acto — ás vezes, que não sempre — o da prisão.

E' entre os creados de D. João de Castro, presos n'esta occasião, que nos apparece, como já dissemos, um d'esses homisiados, que se valia do seguro de sua casa, por ter morto um official. E o rufião não o fizera por sua conta: confessou que fôra Manuel de Miranda quem lh'o mandara matar. Preso este «provou á evidencia a falsidade da accusação», e foi solto. Manuel de Miranda era irmão de Henrique Henriques, que andava fugido, e a quem confiscaram a fazenda que vinha na frota.

Tempos muitos revoltos estes. E aqui temos mais um toque na pintura dos costumes da época — mandava-se matar.

O marau, que trucidara o official, devia achar acolhida entre os servos pimpões de D. João, e estava naturalmente indicado para figurar entre os assassinos do Marquez de Sande. Era um homem seguro.

E, para que nos não incluam na lista dos calumniadores do passado, que exploram, para seus fins e interesses, a historia nacional, diremos que não abriamos então uma excepção selvagem na vida das nações civilizadas; a violencia dos costumes era, pouco mais ou menos, a mesma em toda a parte, e assim continuaram por muito tempo. Os exemplos abundam; é abrir as chronicas, as memorias e as historias d'esses povos, desde a Renascença até aos fins do seculo XVIII.

(Continúa.)

*Zacharias d'Aça.*

## REVISTA POLITICA

Por mais que procuremos assumpto para esta revista, que encha os quartos de papel em branco, que temos sobre a meza, não conseguimos encontrar nenhum facto de maior importancia, a não ser a nova reforma administrativa, que decerto não é precisamente uma novidade para o leitor. Sim a nova reforma administrativa foi, durante alguns dias, o assumpto dos artigos de fundo e dos protestos municipaes; artigos um tanto sobre posse por parte dos que combatiam a reforma, e protestos meio dessorados dos concelhos que a nova lei extinguíu, e que só serviram para provar a razão com que foram extinctos, pois que tão pouca vida tinham e força propria, que nem esta lhes chegou para protestar logicamente, com argumentos e razões de peso, que não tradições e privilegios seculares, porventura muito respeitaveis para a historia, mas de que hoje ninguem vive, n'este seculo de movimento, de trabalho e progresso, em que só tem direitos quem acompanha esse progresso, pelo mais cruel positivismo d'estes tempos em que vivemos.

Mas não se pense, porém que esse positivismo é tão cruel que não acate a justiça e é talvez por isso mesmo que provoca protestos e desagradados, porque é bem certo todos pedirem justiça mas ninguem a querer quando ella lhes é desfavoravel.

Acontece que a reforma administrativa veio depois da reforma da lei das contribuições predial e industrial que classificou as cidades e villas para os effeitos d'essas contribuições, declarando quaes eram as terras de primeira classe, segunda, terceira, etc.

Não faltaram então reclamações de varias cidades e villas, que se julgaram demasiado honradas com os fóros que o governo lhes deu, alegando a sua pouca importancia industrial e commercial, fazendo um estendal de miserias, afim de serem clas-



sificadas em ultimo lugar, como qualquer pobre aldeia mais favorecida pela lei tributaria.

Vem agora a lei administrativa e o caso muda de figura. Todos os concelhos se julgam fortes na sua autonomia; todos alegam os seus fóros seculares, os seus direitos concehios, e até aquelles que nem sequer podem sustentar uma escola de instrução primaria ou fazerem uma estrada municipal ou vicinal, querem ser respeitados em sua autonomia e desfructar regalias para que não concorrem o sufficiente, parecendo não ter a comprehensão nitida de que n'este mundo tudo custa dinheiro, e se o ter direitos e regalias é muito bom, tambem convem saber que esses direitos e regalias importam deveres que muitas vezes se cumprem á custa de grandes sacrificios.

É triste dizel-o mas é infelizmente verdade que uma boa parte das terras do nosso paiz se conservam quasi n'um estado primitivo, sem de nada lhes ter aproveitado os fóros que desde seculos gozam.

A indolencia e ignorancia de seus habitantes é manifesta, e tem se succedido annos, lustros e seculos, sem que tenham avançado um passo no desenvolvimento das suas riquezas naturaes ou derivadas.

Um completo estacionamento distingue o seu viver, e apenas meia duzia de individuos, que se tem em conta de espertos, exploram nma politica miseravel e estreita, cujo ideal não ultrapassa os limites do burgo em que vivem, e para isto se devidem em partidos microscopicos, accezos em odios intransigentes, capazes de fazerem estalar de riso, pelo ridiculo, aquelles que os observam de parte, lavados de paixões e desafogadamente firmes na boa razão.

Protestam os municipios que foram extintos e annexados a outros concelhos e comarcas, e o seu protesto cae pela base, porque é uma confissão da insuficiencia de suas forças, quando outra coisa não tem a allegar que as tradições.

Nenhum governo se arriscaria a suprimir, como medida administrativa, concelhos que tivessem vida propria e desafogada; em que a industria e o commercio tivessem o desenvolvimento necessario para lhes garantir certa independencia, e que por isso se podessem impor em vez de estarem á mercê.

E sendo assim de que tem que se queixar os concelhos suprimidos senão de si, porque não souberam defender a sua autonomia com razões mais valiosas que as da tradição, com razões positivas, firmadas nas forças vivas do trabalho que produz, que enriquece, que firma as autonomias, que dá direitos indiscutíveis, pela mesma razão que ninguém discute o direito que assiste a cada individuo que sustenta a sua casa sem pedir nada aos vizinhos.

E depois d'isto não venham com a politica para o caso, porque a boa politica é administrar bem. E a afinal enchemos os quartos de papel que alvejavam defronte de nós, e agora vemos que não temos espaço para fallar da nova reforma da instrução publica, cuja critica lhes tem sido mais ou menos favoravel. Oxalá que esta reforma, quarta ou quinta que se tem feito, no lapso dos ultimos quinze annos, produza os beneficios effeitos que ha a esperar d'ella, melhorando quanto possivel o estado anarchico em que se encontra a instrução publica entre nós, oxalá!

Já tinhamos escriptos esta revista quando fomos surpreendidos pela noticia da morte do sr. Carlos Lobo d'Avila, ministro dos estrangeiros.

Foi uma verdadeira surpresa a morte do sr. ministro dos estrangeiros, por ser um homem ainda moço e cheio de vida.

A politica portugueza soffre, com esta morte, uma grande perda, porque no fallecido abundava talento pouco vulgar, que lhe permittiu o distinguir se no parlamento como orador e subir ás eminencias do poder em verdes annos ainda.

O espaço de que dispomos não nos dá largueza para entrarmos em mais desenvolvida apreciação do fallecido, que em todo o caso, como politico era já uma figura importante da politica do paiz, havendo por ventura, muito mais a esperar do seu reconhecido talento.

João Verdades.

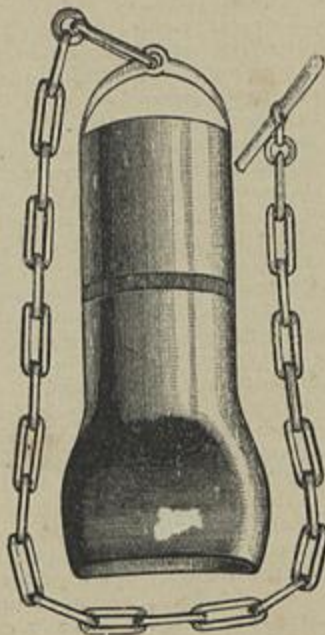


## NOVIDADES DA SCIENCIA

### O NOVO APITO «SEREIA»

Eis um novo invento destinado a martyrisar os ouvidos dos cidadãos pacatos quando cahir nas mãos da gente miuda e do rapazio das ruas. É o apito *Sereia*.

Os jornaes portuguezes já inserem annuncios laudatorios acerca das vantagens do novo apito americano, a ultima novidade no genero: Serve para velocipedistas, caçadores, maritimos, arbitros de jogos, porteiros, guardas de quintas, etc., etc..



Quem lêr o prospecto americano pode traduzir as seguintes e curiosas vantagens attribuidas a essa machina, a «*Develine*» como lhe chamaram na America:

*Melodia diabolica*  
*Barulho infernal*  
*A felicidade das creanças*  
*O desespero dos papás.*

D'aqui o ter-se dado um verdadeiro successo. Já o terrivel apito se faz ouvir nas praias de banhos mais concorridas, nos *matches*, nos *football* e outras diversões.

Já o pacifico burguez é perseguido pelo assobio impertinente.

Mas se o instrumento, é, quando se abuse, desagradavel ao ouvido, é comtudo muito curioso e interessante para merecer examinar-se, porque constitue uma engenhosa applicação do principio das vibrações sonoras.

E todavia nada mais simples do que a sua construcção: uma roda de raios largos octogonaes, montada n'um tubo, no qual se assopra, e a roda gyra, tanto mais depressa quanto mais forte se sopra, da mesma forma que a roda de uma azenha é movida pela queda da columna d'agua.

Um diaphragma metallico, com palhetas, está fixado deante da roda. É, como se vê, uma reproducção simplificada da *Sereia* dos gabinetes de physica e que foi inventada por Cagniard de Latour.

As palhetas do diaphragma são inclinadas n'um certo sentido e as da roda em sentido contrario; é o ar que passando de uma a outra entra em vibração communicando á roda o seu movimento de rotação. A velocidade de rotação augmentando com a força do sopro, eleva o numero de vibrações do ar e a nota, que começa por um som grave, vae subindo até ao assobio mais estridente. São precisas pelo menos umas vinte vibrações por segundo para que o ouvido perceba um verdadeiro som. Se contrariamente as vibrações são muito rapidas só produzem no ouvido uma sensação desagradavel, quasi dolorosa. Além de 23:000 vibrações por segundo, o ouvido deixa de perceber som algum.

E eis o que se nos offerece a dizer subjectivamente ao apito da moda, cuja introdução no nosso mercado se deve ao sr. João Cardoso gerente do *Armazem de Novidades*, desta cidade.

E. P.



Recébeamos e agradecemos:

*Correio da Manhã*, Supplemento ao numero 3:283 de 8 de maio de 1895.

Foi este o numero que a empresa do conhecido jornal lishonense dedicou á memoria do seu fundador, o nosso chorado amigo e collaborador, conselheiro Manuel Pinheiro Chagas.

Constitue uma nobre manifestação dos sentimentos extremes que o grande escriptor soube vibrar em todos que o conheceram.

A collaboração artistica é magnifica, devida ao lapis de Roque Gameiro e Raphael Bordallo Pinheiro acompanhando os seus desenhos, bellos artigos dos nossos mais distinctos escriptores.

*Folhetos diversos: Calendario do Instituto Electro Homopathico* para o anno de 1895. Lisboa.

*Relatorio da direcção da companhia de Seguros Fidelidade* em 1894. Lisboa. Typ. de C. Baptista Coelho, 402, Rua de S. Bento, 404 — 1895.

*A Illuminação da cidade do Funchal e o Diario de Noticias. Funchal, typographia Esperança*, 1895.

N'este folheto expõe notavelmente o sr. Adriano Augusto Trigo a resposta á critica feita pelo jornal acima. Deve ler-se este folheto porque como dizemos ilucida claramente a questão debattida.

*Diversas revistas.* Temos na nossa carteira muitos exemplares de diversas publicações hebdomadarias. Reunimos aqui uma rapida noticia para que não deixemos de as noticiar todas:

*A Chronica* é uma revista critica da Sociedade Portugueza dos Estados Unidos da America do Norte.

Temos presente o primeiro numero; é bem escripto em portuguez e inglez. Bom papel e melhor impressão. Longa vida ao longinquo propagandista da civilização portugueza, em S. Francisco da California

*A Illustração* — Anno I n.º 1 e seguintes: O presente periodico brasileiro é uma revista litteraria e humoristica. Director Augusto Aristheu. Todos os numeros são adornados com retratos de illustres pernambucanos.

*Revista Contemporanea.* Já fallámos d'esta revista dirigida pelo sr. França Pereira. É bi-semanal e vê a luz na cidade do Recife. Brazil.

Os artigos são importantes e deveras bem orientados scientificamente.

*Revista Colonial*, bi-mensal, director Carlos Lisboa, é publicação lishonense.

*A Gazeta Financeira*, revista mensal, financeira, agricola, industrial e commercial. Director Pessoa Allen. N.º 1 nova serie.

Rejubilamos com o reaparecimento d'esta importante revista portugueza.

*Revista Theatral*, hebdomadario brasileiro, da capital-federal.

Este semanario artistico, illustrado, litterario e sportivo, propriedade de Carvalho & C.ª sob a direcção de Alvarenga Fonseca. Os numeros presentes vem profusamente illustrados e delicadamente collaborados.

*Gazeta Commercial e Financeira*, Rio de Janeiro.

Felicitemos o Brazil pela publicação d'este importante periodico que, á Europa, fornece notaveis elementos para o estudo economico da grande republica.

*O Pequiry* — gracioso periodico de S. Pedro do Pequiry, 7 de julho de 1895 anno I — N.º 6.

E' redactor d'esta publicação brasileira o sr. Ponte Cordeiro.

## Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está no prélo este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

Recébeamos e agradecemos, para este almanach até o dia 30 do corrente.

### Empresa do «OCCIDENTE»

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 37